

Análise da distribuição geográfica dos indicadores de hanseníase nos 53 municípios pertencentes à Rede PEBA no período de 2013 a 2017.

Mariana de Souza Novaes BARROS [1], Bruna Vanessa Miranda LIMA [1], Amanda Teixeira de Medeiros GOMES[1], Tânia Rita Moreno de Oliveira FERNANDES [2]

[1] Ciências da Saúde, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina
[2] Ciências da Saúde, Colegiado de Medicina da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa que acomete a pele e o sistema nervoso periférico. Sua disposição geográfica está fortemente relacionada às baixas condições socioeconômicas da população, estando o Nordeste entre as regiões com os maiores índices de endemicidade da doença no Brasil.

OBJETIVOS

Analisar os indicadores selecionados da hanseníase nos 53 municípios dos estados da Bahia e de Pernambuco que compõem a Rede Interestadual de Atenção à Saúde do Vale do Médio São Francisco (Rede PEBA)

METODOLOGIA

Foi realizado estudo ecológico nos 53 municípios da Rede PEBA a partir da coleta de dados do SINAN (Sistema de Informações e Agravos), referente ao período de 2013-2017, para os indicadores: taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população geral, na população de zero a 14 anos, assim como na população com grau 2 de incapacidade física (GIF 2) no momento do diagnóstico.

RESULTADOS

Entre 2013 e 2017, a taxa de incidência de casos novos de hanseníase na população geral foi de 37,68/100 mil habitantes. Em pelo menos um dos anos do período analisado, 41,5% (22) dos municípios da Rede PEBA apresentaram hiperendemicidade para o indicador em questão. A taxa de incidência de casos novos na população de zero a 14 anos foi de 9,89/100 mil, sendo que 51,7% (29) dos municípios eram hiperendêmicos em pelo menos um dos anos estudados. Ambas as taxas citadas indicaram média de muito alta endemicidade. A taxa de casos de hanseníase com GIF 2 no momento do diagnóstico foi relevante, 19,56/1 milhão, e 34% (18) dos municípios apresentaram taxas hiperendêmicas em ao menos um dos anos analisados. A taxa média de casos entre 2013 e 2017 indicou hiperendemia em 18,9% (10) dos municípios para os casos novos, 18,9% (10) para os casos de zero a 14 anos e 5,7% (três) para GIF 2.

CONCLUSÃO

O estudo apontou dados preocupantes para os três indicadores analisados, com especial atenção para os casos em menores de 15 anos e GIF2, representando áreas de transmissão ativa e falha na detecção precoce dos casos, indicando a presença de prevalência oculta e bolsões de infecção na região.

REFERÊNCIAS

1. ARAÚJO, R. M. S. et al. Análise do perfil epidemiológico da hanseníase. Revista de enfermagem UFPE online, v. 11, n. supl. 9, p. 3632-3641, 2017.
2. BRASIL. Casos de Hanseníase Desde 2001 (SINAN). DATASUS - Ministério da Saúde.